

Um mal-estar na educação contemporânea:
considerando as relações escola-adolescência-família.

Mariana Paula Oliveira
Mestranda na Universidade Federal de Uberlândia
e-mail: mari.paula11@hotmail.com

Maria Lúcia Castilho Romera
Professora Doutora da Universidade Federal de Uberlândia
e-mail: mluciaro@terra.com.br

Resumo: Esse trabalho discorre sobre aspectos da relação escola-adolescente-família na contemporaneidade. Duas situações ocorridas em uma escola particular de Ensino Médio no Triângulo Mineiro orientam e ilustram a discussão. Trazem componentes atuais para repensarmos tais relações. Um deles seria o fato de que os pais têm transferido cada vez mais a educação de seus filhos à escola, se ausentando e renunciando aos seus papéis, mas em alguns momentos, eles mesmos boicotam esse processo.

Através do método interpretativo por ruptura de campo, defendido por Fábio Herrmann como condição invariável do conhecimento psicanalítico e, conseqüentemente, da construção desse saber, realizamos uma leitura dos dois casos que envolvem conflitos entre escola, aluno e família, buscando trazer à tona possíveis regras de produção dessas relações. Em diálogo também com Marion Minerbo, consideramos as mudanças de valores na contemporaneidade pela perda de significações, o que percebemos, por exemplo, nos papéis do professor, da escola e da família.

A adolescência é um período que absorve bem e rapidamente as transformações sofridas pela sociedade, e devolve a ela os reflexos dessas transformações. Nos casos apresentados isso ficará evidente. De forma reversa, esses reflexos nos permitem entender como é feita a *digestão* das mudanças sofridas na contemporaneidade por seus sujeitos; nesse caso, pelos adolescentes, pelos pais e pela escola. Freud, em “Algumas considerações sobre a psicologia escolar” fala que a relação do aluno com o professor é uma ressonância da relação filho-pai/ mãe. Ao mesmo tempo, também devemos considerar que a cultura faz emergir novos modelos de funcionamento psíquico (BONAMÍNIO, 2007), e um olhar reflexivo sobre esses modelos, antigos e mais recentes, nos amplia a compreensão sobre as relações em questão.

Palavras-chave: contemporaneidade, escola, família, adolescência, perda de significações.

A proposta desse artigo é repensar as relações na escola através do método psicanalítico. Esse método, interpretativo, desvela a lógica das regras de constituição que operam sobre as relações humanas. Esse trabalho se configura ainda dentro da *clínica extensa*, temo cunhado por Fábio Herrmann resgatando na psicanálise freudiana o caráter geral dessa ciência da psique, que com o tempo foi sendo restringido à prática do consultório padrão.

Dois casos descritos serão os norteadores da discussão. Ocorreram em uma escola particular de ensino médio em uma cidade do Triângulo Mineiro.

No primeiro deles, um professor conta que um aluno, momentos antes das férias de final de ano, é surpreendido por um colega professor puxando um vaso da mureta do corredor e o jogando ao chão. O professor chama o aluno para uma conversa, para tentar entender dos motivos de tal ato, e o aluno, mesmo tendo sido pego em “flagrante” diz: “eu não fiz nada”. No outro dia, quando a mãe é chamada na escola para conversar sobre o caso, ela diz à diretora: “O meu filho não fez nada, deve ter esbarrado no vaso, no máximo. Esse professor só pode ser louco!”

O segundo caso envolve uma “brincadeira” de briga (tapas, murros, empurrões, quedas) entre os alunos, onde um sai machucado, tendo que ser encaminhado a um atendimento médico. A escola toma uma decisão que julga ser punitiva e educativa, onde os alunos envolvidos seriam suspensos e também participariam de um grupo de estudos sobre violência na classe média, através do livro que conta a história de Cazuzu. A mãe de um deles se coloca contrária à decisão, alegando que tudo não passou de uma “brincadeira de adolescentes”. Esta exige que a escola retire a punição, e acha “muito chato” e desnecessário ter que trazer o filho extra-turno para discutir sobre violência. Além disso, procura os responsáveis pelos outros alunos envolvidos e os convence a usar o mesmo discurso com a escola.

Percebe-se com esses dois episódios – por sinal, envolvendo situações bastante frequentes na escola hoje – que os pais têm atribuído cada vez mais a educação de seus filhos à escola, mas em alguns momentos, eles mesmos boicotam esse processo, interditando as resoluções e ponderações da escola.

Outeiral (2005) diz que os pais, ao colocarem seus filhos na escola, guardam algumas fantasias, principalmente de que a escola dará conta da parte da educação que eles se julgam incapazes. O que Outeiral aponta como o que tem sido frequentemente julgado de maior dificuldade na educação dentro de casa é a questão dos limites e da sexualidade. Podemos constatar essa afirmação no trabalho dentro da escola, especialmente na fase da adolescência, pois uma grande demanda no seu cotidiano abarca essas duas questões, que muitas vezes estão atreladas.

No primeiro caso pode-se, pensando a respeito do comportamento do aluno, tomar como simbólico o seu ato e os sujeitos envolvidos. Segundo Outeiral: “Simbolizar, neste caso, é poder descentrar-se, é permitir-se pensar que este aluno está agredindo, através da pessoa do professor, outras situações de sua vida, ocorre uma *transferência* para este campo de relação outras vivências de seu cotidiano”.

Derrubar o vaso pode ser entendido aqui como uma transgressão que deixa marcas em um lugar de onde o aluno está saindo para as férias, ou seja, pode ser uma reação a um sentimento de separação da escola, dos professores, e dos próprios colegas, já que realiza esse ato também frente à sua turma. Se o aluno não consegue pensar sobre essas questões, age, atua sobre elas. De certa forma, consegue voltar à escola, mesmo em férias, chamado junto aos pais para ser advertido e arcar com o custo do vaso. Porém, o garoto nega a

autoria do ato, convencendo os pais de que era inocente, e que a escola teria inventado tal situação. Os pais aceitam tal justificativa do filho, e não aceitam a punição da escola, conseqüentemente. Aceitar a posição da escola, e admitir que o filho ainda estaria mentindo, seria a aceitação de um duplo fracasso: ter educado um filho que pratica um ato de vandalismo, e um filho que mente, descaradamente, não assumindo seus erros e os reparando.

Na segunda situação, atos considerados violentos pela escola são julgados por uma mãe como uma simples brincadeira, apropriada para a idade, e quem sabe, também para o ambiente. A escola quer colocar limites, e propor a reflexão dos jovens sobre tais atos, e espera a colaboração da mãe, o que não acontece. Se a escola mantém a idéia de discussão do tema com os alunos, corre o risco de que a mãe boicote todo o processo, tirando a credibilidade e importância da atividade. E se os discursos são contraditórios, os alunos vão ouvir a qual?

Além disso, é possível pensar nas dificuldades enfrentadas por professores e direção a respeito de como lidar com atos de indisciplina. Esses atos muitas vezes são tomados por essas figuras de autoridade como dirigidos a eles mesmos, ou seja, levam para o lado pessoal, e deixam de perceber questões outras que os alunos não conseguem representar e atuam. Uma situação contrária também aconteceu nessa mesma escola, onde uma professora conseguiu perceber as angústias dos alunos com relação à sexualidade e pode devolver aos alunos de forma elaborada. O que aconteceu foi que um pênis de borracha estava rondando o pátio no intervalo. O inspetor de pátio, vendo o movimento dos alunos, confiscou o objeto e o levou à professora-orientadora, para que ela pudesse tomar uma atitude que acabasse com a bagunça. A professora aguardou e foi até a sala de aula dos envolvidos. Chegou com o pênis escondido, e disse que estava preocupada com um aluno daquela sala, pressentia que era alguém que precisava de ajuda, pois certamente essa pessoa estaria vivendo uma dor muito grande. E disse: “essa pessoa perdeu o pinto”, mostrando o objeto. A turma caiu na risada. Ela continuou dizendo que talvez a pessoa tivesse cortado fora porque aquele pinto era muito pequeno, e o aluno devia estar bem frustrado. A turma adorou. Ela então disse que mais do que um brinquedo de borracha, aquele “pinto” estava contando para ela que talvez algumas pessoas ali estivessem pedindo uma oportunidade para conversar sobre sexualidade. Um aluno logo disse: “eu quero!”, e outro: “eu também”. A professora aproveitou e discutiu com a turma como poderiam fazer isso. Durante a discussão, o dono do pênis se pronunciou: “Professora, fui eu quem trouxe o pinto”. Ela o colocou como responsável por um envelope onde os colegas depositariam de forma anônima as suas dúvidas e curiosidades com relação à sexualidade, ficando combinado que ela traria um profissional para conversar com eles extra-classe. Saindo da sala, a professora avistou a lixeira de metal, toda amassada. Ela se voltou para a turma dizendo: “Isso me deixa muito chateada. O dinheiro que eu podia pagar para trazer um profissional aqui para conversar com vocês, talvez eu tenha que pagar os reparos nessa lixeira”. Imediatamente, dois alunos assumiram que foram os responsáveis por chutar e amassar a lixeira, e se prontificaram a pagar pelo dano.

Se essa professora não tivesse tido essa sensibilidade, poderia, por exemplo, dar advertência para a turma toda até que o responsável pelo “ato imoral” aparecesse. A maneira de agir nessas situações depende muito da história de vida do professor, do diretor, ou coordenador, enfim, de como essa figura de autoridade enfrenta as angústias do outro, e suas angústias no outro.

Minerbo (2009) aborda a construção da subjetividade e sua relação com o símbolo, mostrando a fragilidade nas representações. Através de suas reflexões, é possível pensar nas mudanças que sofreram esses conceitos: escola, autoridade, família, e as conseqüentes perdas ou mudanças de valores que mediam tais relações.

A autora questiona: “De onde vem a força de uma instituição?” E responde: “A instituição se fortalece a cada vez que seus representantes ocupam os lugares simbólicos que ela cria, para fazer viver a instituição por meio deles.” Nos casos apresentados, o lugar simbólico de autoridade que os pais teoricamente carregam, dão lugar a uma submissão aos atos dos filhos. Se as funções materna e paterna estão fragilizadas, a função de filho também sofrerá alterações.

Freud (1914) fala que a relação do aluno com o professor é uma reedição da relação entre filho e pai. O menino carrega consigo, de sua infância, os sentimentos ambivalentes (amor e ódio, admiração e decepção) que tem em relação à figura parental, e posteriormente, com seus professores e outras figuras adultas, irá transpor esses sentimentos para essas novas relações. Isso explica porque muitas vezes o aluno tem sentimentos tão fortes para com seus mestres, mesmo que a relação entre eles tenha sido superficial.

Essa reedição de sentimentos na relação professor-aluno, pensando nos casos apresentados, nos faz refletir sobre as mudanças nas relações dentro de casa. Como trouxe Outeiral, se os pais estão com dificuldades de lidar com as questões de limite e sexualidade de seus filhos, a escola está recebendo cada vez mais alunos que não foram atendidos em suas necessidades que envolvem tais questões. E quando surge um conflito, a escola precisa de uma parceria com as famílias, mas se percebe sozinha nessa empreitada.

A escola se vê então fragilizada sem o apoio dos pais em suas decisões, principalmente ao entender que realiza um papel que abrange, mas vai além de seu território: a educação. Já não são mais os filhos que obedecem aos pais, mas os pais que obedecem aos filhos. O aluno já não teme mais as figuras de autoridade da escola, mas as desafia. A escola teme essa violência simbólica vinda de alunos e seus pais, ficando de mãos atadas nessas situações.

Bonamínio (2007) trata a adolescência como um “‘observatório privilegiado’, pela função de elo cultural entre gerações”. Segundo ele, essa fase nos conta do mal-estar que sofremos com as mudanças tão aceleradas vivenciadas no nosso modo de pensar, agir, e lidar com as realidades interna e externa. Essa crise no papel de autoridade, na função dos pais, da instituição-escola, é notada, sentida, e devolvida de alguma forma à sociedade pelos adolescentes. E é possível ouvir suas palavras, silêncio e ações de forma a perceber não simplesmente o que está “por trás” disso, mas o que os constitui, ou seja, as lógicas que constroem os sentidos ocultados e revelados por eles.

Referências:

BONAMINIO, V. O discurso do adolescente em análise e o esgarçamento do tecido transicional: a mudança da psicopatologia na sociedade contemporânea. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 41, n. 3, p. 161-170, 2007.

FREUD, S. *Algumas considerações sobre a psicologia do escolar* (1914). In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Trad. De Themira de Oliveira e outros. Rio de Janeiro: Imago, s/d, XXIII, p.281-288.

MINERBO, M. . A Fragilidade do Símbolo: aspectos sociais e subjetivos. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, v. 07, p. 33-43, 2009.

OUTEIRAL, J. Agressividade, transgressão e limites no desenvolvimento da criança e do adolescente. In: CEREZER, C; OUTEIRAL, J; *O mal-estar na escola*. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2005. p. 49-60.